



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

MARIA ROSANA COELHO

GEOGRAFIA E LITERATURA: UM ELO POSSÍVEL

CAJAZEIRAS – PB

2014

MARIA ROSANA COELHO

GEOGRAFIA E LITERATURA: UM ELO POSSÍVEL

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado à Universidade Federal de
Campina Grande – Campus de Cajazeiras,
como cumprimento de um dos requisitos
necessários para a obtenção do título de
Licenciada em Geografia.

Orientador: Ms. Marcos Assis Pereira de
Souza

Linha de pesquisa: Ensino de Geografia

CAJAZEIRAS – PB

2014

MARIA ROSANA COELHO

GEOGRAFIA E LITERATURA: UM ELO POSSÍVEL

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado à Universidade Federal de
Campina Grande – Campus de Cajazeiras,
como cumprimento de um dos requisitos
necessários para a obtenção do título de
Licenciada em Geografia.

Aprovada em: ___/___/_____

Prof^ª. Ms. Marcos de Assis de Pereira

Unidade Acadêmica de Ciências Sociais - UACS
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Prof^º. Ms. Henaldo Gomes Morais (Orientador)

Unidade Acadêmica de Ciências Sociais - UACS
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Prof^º. Dr. Marcelo Henrique de Melo Brandão

Unidade Acadêmica de Ciências Sociais - UACS
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

CAJAZEIRAS – PB

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

C672g Coelho, Maria Rosana

Geografia e literatura: um elo possível. / Maria Rosana Coelho. Cajazeiras, 2014.

39f. : il.

Bibliografia.

Orientador: Marcos Assis Pereira de Sousa.

Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Geografia e literatura. 2. Geografia e literatura – estudo e ensino. 3. Ensino de geografia. 4. Seca. I. Sousa, Marcos Assis Pereira de. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –910+82

Dedico

A Deus, pois é graças a Ele, para Ele, e por Ele que existo, obrigada meu tudo. A minha mãe e irmãos, obrigada pelo apoio incondicional que tenho recebido de vocês. Aos demais familiares e amigos, por serem um presente de Deus na minha vida.

Eu dedico...

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

A Deus, pelo fôlego, pela força e coragem que me deu para concluir mais esta etapa da minha vida. Muito obrigada Senhor, sem ti seria impossível ter chagado até aqui.

A minha querida mãe, por ter acreditado, apostado e investido nesse sonho. Sei que essa conquista é também sua “Mainha”, muito obrigada minha guerreira.

Aos meus mui amados irmãos, Romilda, Lourdes (Nininha), Ronildo, Lucas e Jéssica (porque assim a considero), muito obrigada pela paciência que tiveram e pelo apoio que dispensaram para mim. Se a gratidão fosse medida através dos oceanos, a minha a vocês seria o Pacífico.

Aos meus sobrinhos, Eliel Victor, Eduardo, Cindy (minha flor do campo) e Jairo Benny (meu pequeno príncipe), obrigada meus lindos tesouros.

Aos meus lindos avós, Francisca e Zezinho (in memória), obrigada por sempre me olharem com “olhar de orgulho”, isso me incentivol mais e mais a romper as barreiras impostas pela vida.

Aos demais familiares e amigos, obrigada pelo apoio e incentivo. Destaco com muito carinho minhas tias, Socorro (por ter abraçado minha causa), Media (por sempre acreditar em mim) e minhas amigas Keyla, Naize e Luana (pela força dada).

A todas as minhas primas “priminhas queridas” e primos, vocês são bênçãos, lindas bênçãos que recebi de Deus.

A minhas amigas, Ana Myllena, Cristiane Vale, Gizélia Ferreira e Adriana Almeida, nós choramos, sorrimos, lutamos e vencemos juntas e essa união foi o que nos fortaleceu para conseguirmos alcançar essa vitória, obrigada queridas amigas.

Aos demais colegas de sala das turmas, 2009.1 e 2009.2, muito obrigada pelo apoio e paciência, por terem me acolhido e ajudado durante esse percurso.

Maria Rosana Coelho

“Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

PAULO FREIRE

LISTA DE SIGLAS

PCNS – Parâmetros Curriculares Nacionais

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Área total dos estados e área inserida no semiárido.....31

LISTA DE MAPAS

Mapa 01– Municípios integrantes da região semiárida.....32

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir as possibilidades de utilização das obras literárias no ensino de Geografia. Inicialmente falaremos sobre a trajetória dessa enquanto ciência, discorrendo sobre os problemas que a mesma vem enfrentando ao longo dos anos. Em seguida ainda tecendo considerações sobre o ensino da referida disciplina discorreremos sobre algumas questões referentes ao contexto atual da Geografia escolar. Posteriormente consideraremos a correlação existente entre a Geografia e a Literatura, apontando as contribuições que esse segundo campo de estudo pode trazer para as aulas de Geografia. E por fim analisaremos a obra literária O Quinze de Raquel de Queiroz, dando enfoque principal às representações do fenômeno natural “seca” contidas na referida obra.

PALAVRAS- CHAVE: Ensino de geografia, Literatura, seca.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the possibilities of use of literary works in teaching Geography. Initially we will talk about the history of this as a science, discussing the problems that it has faced over the years, then further considerations on the teaching of this discipline will discuss some issues regarding the current context of school Geography. Later we will consider the correlation between geography and literature, pointing out the contributions that this second field of study can bring to the geography lessons. Finally we analyze the literary work *The Fifteen* Rachel de Queiroz, giving approach the main representations of natural phenomena "dry" contained in that work.

KEYWORDS: Teaching Geography, Literature, dry.

SUMÁRIO

I-INTRODUÇÃO.....	12
II-CAPÍTULO I - TECENDO CONSIDERAÇÕES SOBRE A GEOGRAFIA ESCOLAR: UMA BUSCA POR NOVAS PERSPECTIVAS DE ENSINO.....	14
2.1 - Um olhar histórico sobre o ensino de Geografia.....	14
2.2- A problemática do ensino de geografia na atualidade: A necessidade de uma renovação.....	15
III-CAPITULO II – GEOGRAFIA E LITERATURA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO REGIONALISMO NORDESTINO.....	20
3.1- Geografia e Literatura enquanto possibilidade para o ensino.....	20
3.2- Algumas Obras Literárias Regionalistas e a Geografia.....	23
IV-CAPITULO III –A SECA NO NORDESTE SOB O OLHAR DE RAQUEL DE QUEIROZ NO LIVRO <i>O QUINZE</i>.....	28
4.1- Descrição de algumas características da obra de Raquel de Queiroz.....	28
4.2- A representação da seca no livro <i>O Quinze</i>: uma proposta didática.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	38

INTRODUÇÃO

A educação se constitui como um dos pilares essenciais para a formação de cidadãos críticos e atuantes nas tomadas de decisões no âmbito da sociedade. No que se refere às mudanças e permanências na área educacional, diversos fatores tem criado a necessidade de um novo posicionamento diante de muitos desafios encontrados diariamente na profissão docente, nos levando muitas vezes a uma ruptura com métodos tradicionais, avançando rumo a uma abordagem mais ampla dos recursos didáticos nas aulas de geografia.

A utilização de obras da literatura brasileira enquanto um recurso didático vem a ser apresentada como um método inovador, e de suma importância, tendo em vista que virá a contribuir para um crescimento na aprendizagem dos alunos em vários aspectos.

Existe uma conexão entre a geografia e a literatura, pois as obras literárias na sua grande maioria retratam a realidade vivida por uma determinada sociedade em um tempo e espaço determinado, o seu cotidiano, bem como suas necessidades e anseios, o que possibilitará um melhor entendimento ao discente, tendo em vista que são narrativas com enredos muitas vezes fascinantes.

Na elaboração do presente trabalho se fez necessário um levantamento bibliográfico dos autores que discutem as temáticas apresentadas no mesmo. Em seguida foram expostas e discutidas suas considerações e propostas a respeito do assunto, apontando as contribuições que a literatura brasileira pode trazer para uma ampla discussão dos conteúdos geográficos.

Na busca de proporcionar um melhor entendimento do presente trabalho, o mesmo foi estruturado em três capítulos, onde abordaremos questões referentes ao ensino de geografia, ao elo existente entre a referida ciência e a literatura e as representações geográficas encontradas no livro O Quinze.

O primeiro capítulo carrega o seguinte título: **Tecendo considerações sobre a Geografia escolar: uma busca por novas perspectivas de ensino**, nele discorreremos sobre a história da geografia, como a mesma se instituiu enquanto uma ciência, bem como as mudanças que esta vem passando ao longo dos anos. Ainda nesse capítulo versaremos sobre o ensino de geografia na atualidade, abordando como se encontra o contexto atual da geografia escolar no intuito de propor uma educação de qualidade, capaz de sobrepujar os limites impostos pelo tradicionalismo que ainda perdura em muitos segmentos da Educação.

No segundo capítulo, intitulado: **Geografia e literatura: uma reflexão a partir do regionalismo nordestino**, falaremos sobre a ponte existente entre estes dois campos de

ensino, e em como a literatura pode se tornar um importante recurso para as aulas de geografia.

Já no terceiro capítulo: **A seca no nordeste sob o olhar de Raquel de Queiroz no livro O Quinze**, arrazoaremos sobre as representações da seca contidas nessa obra literária, fazendo uma reflexão sobre o cenário descrito pela autora naquele período.

Desse modo a proposta apresentada no referido trabalho justifica-se como uma busca de transformação e inovação das aulas da disciplina de geografia, rompendo com o tradicionalismo e avançando rumo uma aprendizagem mais sólida, estabelecendo uma ponte entre conteúdos geográficos abordados nos livros didáticos, as temáticas discutidas nas obras literárias, e a realidade em que o aluno está inserido.

II CAPÍTULO I– TECENDO CONSIDERAÇÕES SOBRE A GEOGRAFIA ESCOLAR: UMA BUSCA POR NOVAS PERSPECTIVAS DE ENSINO

2.1. Um olhar histórico sobre o ensino de geografia

A educação é o ponto de partida para o crescimento intelectual dos indivíduos, propiciando ao mesmo a oportunidade de uma maior aprendizagem. Na atualidade a sociedade está passando por várias transformações, que tem exercido fortes influências no campo educacional, esse dinamismo tem exigido uma educação mais crítica e humanizadora, voltada para as necessidades cotidianas dos indivíduos, sendo esta um ato libertador e transformador.

Partindo do pressuposto de que a “Geografia é uma ciência social, que trabalha também com os fenômenos naturais” (RODRIGUES 2008, p. 13), tendo como seu objeto de estudo “o espaço geográfico”, entendemos que, enquanto ciência a Geografia deve contribuir para pensar o espaço de uma maneira ampla e completa, como fruto das relações do homem com o meio natural.

Para Santos (1978) “o espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada-subordinante. E como as outras instâncias o espaço, embora submetido a lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia” (SANTOS 1978, p. 145 apud, CORRÊA, 2007).

Com isso compreendemos ser o espaço fruto das relações sociais, sendo este também erguido a partir das necessidades da sociedade atual, Santos (1996). A Geografia ao longo de sua trajetória passou por diversas mudanças, para Rodrigues (2008), ela é um dos conhecimentos mais antigos que existem, contudo inicialmente seu conhecimento não era considerado científico, só posteriormente é que a Geografia se estabelece como ciência.

Segundo Rego (2011) foi por volta de 1930 que ocorreram grandes transformações na Geografia, com a institucionalização dessa ciência, a partir da criação dos cursos superiores na formação de professores. Contudo o ensino da Geografia possuía um caráter nacionalista, mnemônico e de nomenclatura, ou seja, o aluno estudava nome dos rios, montes etc, sem nenhuma conexão com sua vida, com seu cotidiano. Apesar dos avanços, as estruturas metodológicas que enraizavam a disciplina não proporcionavam o desenvolvimento de um olhar crítico sobre a realidade vivida.

Para Paraíba (2010): “Se a Geografia, [...] buscou desenvolver um ideal nacionalista, descaracterizando o saber geográfico e fornecendo à disciplina escolar um caráter mnemônico

e acrítico, é porque a sociedade brasileira,[...] “demandava” esse posicionamento em relação à disciplina escolar”. Posteriormente, na década de 70, essa problemática se intensifica, pois com o advento do período militar a Geografia é abolida do currículo escolar, unindo-se a história, e assim formando os Estudos Sociais, disciplina sem conteúdos ou tradição definida, limitando o ensino geográfico a tão somente o que interessasse ao Estado, Rego (2011).

Nesse período a educação no Brasil é voltada para a formação de mão-de-obra, para suprir o mercado de trabalho, ocorre então a supervalorização da técnica em detrimento do humanismo. Os conteúdos abordados em sala de aula apontavam para um país cheio de belezas e recursos naturais, com o intuito de maquiagem as desigualdades sociais e repressões políticas.

Já na década de 1980, com as críticas à configuração social, tanto em um nível nacional quanto global, viu-se a necessidade de uma renovação do saber geográfico escolar, surgindo assim a Geografia crítica, que objetivava a formação de cidadãos ativos e críticos. Essa reestruturação, no Brasil ocorreu primeiramente na Escola, sendo fruto dos debates que ocorriam nas academias.

Por volta de meados da década de 1990, surge os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, um currículo que buscava unificar o currículo escolar em âmbito nacional. No PCN as propostas para o ensino de Geografia apontavam para mudanças significativas, o aluno passa a ser visto como um ser autônomo capaz de construir o seu próprio conhecimento. Segundo: PARAÍBA, (2010) tais discussões mostram como o saber geográfico escolar está relacionado com diversas configurações sociais em tempos diversos.

2.2 A problemática do ensino de geografia na atualidade: A necessidade de uma renovação

O ensino de Geografia deve buscar o desenvolvimento crítico e a autonomia dos alunos, instigando-os a refletirem sobre o mundo em que vivem, a serem criativos e capazes de se posicionar diante das várias situações que enfrentam no cotidiano. Deve induzir o discente a criar e recriar o saber, possibilitando a construção de respostas satisfatórias que possam dar conta da complexidade do mundo atual.

Corroborando o que foi dito, Kaercher(2007) compreende que: “Uma ‘boa’ educação é aquela que ajuda o educando a criar-se na autonomia e a interdependentizar-se, desenvolvendo nele a capacidade de agir livremente, mas sempre lembrando que nossa opinião é uma crença com a consciência de ser insuficiente” (KAERCHER, 2007, p. 32).

Embora muito se tenha discutido sobre as mudanças que o ensino de Geografia vem passando ao longo dos anos, e como o contexto histórico tem influenciado nessas modificações, verifica-se muitas vezes uma continuidade de práticas educacionais ainda com características arcaicas e rudimentares, o que nos aponta para um questionamento: o que será preciso para que a discussão teórica avance rumo à uma prática docente renovadora, na sua totalidade? O distanciamento entre teoria e prática acompanha as salas de aulas de muitos professores de Geografia, com isso a disciplina acaba por não cumprir seus reais objetivos e resume-se meramente a uma disciplina enfadonha e sem nexos com a vivência dos alunos.

O ensino de geografia vem sendo questionado pelas autoridades, pelos educadores e pelo público em geral, que algumas vezes pensam que esse saber é obsoleto para dar conta dos desafios do mundo atual, e, outras vezes, acreditam que o melhor seria uma profunda reformulação no seu conteúdo e nos seus objetivos. Uma coisa é certa: o ensino tradicional da geografia – mnemônico e descritivo, alicerçado no esquema “Terra homem” – não tem lugar na escola do século XXI (VESENTINI, 2011 p. 220).

Com isso compreendemos que a Geografia vive um momento de intensa renovação, e que aprender Geografia é muito mais que decorar nomes de capitais e montes, requer uma leitura de mundo. Como explica Vesentini (2011) uma geografia de cunho descritiva não da conta das necessidades de um momento tão complexo como este que vivenciamos.

A sociedade vive um processo de grande dinamismo, e a educação precisa acompanhar o ritmo dessas transformações. O ensino não deve ser desconexo do mundo em que o aluno vive. O saber construído deve possibilitar o desenvolvimento de competências no educando, para que este seja capaz de compreender e inferir mudanças no contexto em que está inserido. Entendendo assim ser necessária a introdução de uma Geografia mais voltada para a prática da cidadania.

Em busca de uma educação mais atrativa, cabe ao educador despertar o interesse do discente, essa não é uma tarefa fácil, no entanto, o professor deve ser um apostador, como frisa Kaercher (2007), é necessário acreditar e confiar no desenvolvimento intelectual dos alunos, respeitando e valorizando a autonomia dos mesmos, Freire (1996).

Como salienta Kaercher (2004) é necessário que ocorra uma mudança metodológica na relação entre o professor e o ser educando, de modo a haver um maior diálogo e interação entre ambos e, principalmente, entre estes e o conhecimento. Para auxiliar nesse desafio o docente conta atualmente com uma diversidade de recursos que podem servir como aporte para a otimização do processo ensino-aprendizagem.

Na tentativa de fugir dos métodos tradicionais, que se baseavam na memorização, busca-se trabalhar uma geografia voltada para o pensamento crítico, chamada por SANTOS (1999), de “geografia nova”. Um ensino renovador deve ultrapassar as barreiras do tradicionalismo, e alcançar o aluno na realidade vivida pelo mesmo, para isso é necessário buscar novas fontes, objetivando ampliar e enriquecer as aulas de geografia. “A transformação do ensino de geografia em direção a uma geografia educadora necessita da criação de práticas que transformem temas da vida em veículos para a compreensão do mundo” (REGO, 2011, p.9).

As aulas de Geografia devem ser dinâmicas, atrativas, interativas, deve despertar o interesse do aluno de entender e transformar o meio em que vive, os educadores devem induzir os seus alunos a um posicionamento crítico reflexivo, é possível entender que, quando uma disciplina escolar é trabalhada de forma isolada ou descontextualizada da realidade do aluno, não se pode esperar que a mesma propicie um processo de ensino-aprendizagem de qualidade.

É importante destacar que a intenção maior dos professores de Geografia deve ser a de proporcionar aos alunos um ensino-aprendizagem onde os mesmos tenham a oportunidade de pensar, expor estes pensamentos, analisar e sistematizar sobre o meio em que está inserido. Desta forma estariam incluídos, não só no sistema educacional, mas também no meio ao qual pertencem.

Faz-se necessário esclarecer que o presente capítulo tem o objetivo de apresentar a Geografia como possibilidade de instrumentalização interdisciplinar, capaz de superar os limites impostos pelo tradicionalismo que ainda persiste em muitos segmentos da Educação.

Pontuschka (2007) evidencia a importância de se desenvolver trabalhos para explorar o meio em que o discente está inserido. Nesta perspectiva, sabe-se que cada comunidade possui sua identidade própria, sua cultura, realidade econômica e social. Portanto, é imprescindível que o ensino da geografia abranja estes elementos, fazendo que os alunos reconheçam as peculiaridades da sua comunidade e da sua cultura.

Pode-se dizer que todo esse interesse de inovar as atitudes pedagógicas no âmbito do ensino da Geografia, deve centrar-se exclusivamente nos educadores, sabendo-se que, para haver mudanças qualitativas, deve-se permitir que a reflexão sobre a prática de ensino, em conjunto com novas atitudes, venham ocupar o lugar central no processo de ensino-aprendizagem. Observamos que a literatura regional fornece muitos elementos que podem ser explorados de forma considerável na sala de aula, pois a Geografia não pode ser apenas “conteudista”, deve ser encarada a partir de uma visão crítica e reflexiva.

Neste sentido, Kaercher, (2007, p. 04) salienta que “Em nome da Geografia crítica corre-se o risco de fazer da Geografia um pastel de vento: boa aparência externa, mas pobre na capacidade de reflexão, limitando-se a uma disciplina de baixa refletividade”.

O autor citado anteriormente também afirma que, em muitos casos, as práticas relacionadas ao ensino da Geografia não coincidem com as especificidades e necessidades dos segmentos escolares. O autor critica a forma como se têm encarado o ensino da Geografia e como os professores têm sido formados para atuarem na docência concernente a referida disciplina. Ele destaca as formas “não racionais”, referindo-se aos elementos inclusos da práxis docente, que não podem ser ensinados de forma mecanizada. Pode-se enfatizar que:

Como educador-geógrafo partimos de dois *a priori*. Primeiro: que os alunos são capazes de melhoria, capazes de superarem o estado atual em que estão na direção de outro estado que nós reputamos – e eles aceitam, não sem conflitos e impasses – preferível ao anterior”. [...] E, segundo: nossa atuação pode fazer diferença. Ou seja, ao mesmo tempo que a razão é limitada em seu poder de educar e de seduzir, ela pode melhorar minha capacidade de educar e de seduzir (KAERCHER, 2007 p. 5).

Diante destas ideias, o autor acredita que o professor deve fazer a diferença, sendo que para tanto, é necessário que ele renove suas práticas de ensino, considerando que as práticas do ensino da Geografia devem ir além do manipular, controlar ou sujeitar os educandos, mas para desenvolver neles o desejo de aprender, argumentar, criticar, expressar suas idéias, conhecer as diferentes culturas regionais, partindo-se portanto, de um princípio filosófico para, a partir da Geografia, pensar na beleza, na miséria e na complexidade da existência humana.

Em linhas gerais Kaerchier (2007) enfatiza que o conhecimento não deve ser buscado apenas para cumprir uma ordem escolar, a Geografia deve, portanto servir para um pensar renovador, aonde alunos e professores venham a buscar o conhecimento como algo desejável, algo importante para a vida em todos os sentidos.

Enfim, todo educador, deve ir além dos conteúdos, disciplina, currículo e adentrar com maior precisão nas questões subjetivas que fazem parte da vida dos indivíduos e que muitas vezes deixam de ser consideradas, já que nas práticas tradicionais, o ensino se volta mais para a decodificação do que para a interpretação crítica dos assuntos.

O problema em diversificar os assuntos no âmbito do ensino da Geografia está no fato que, muitos educadores ainda acham que a referida disciplina resume-se no uso de conteúdo dos livros didáticos e mapas. Neste sentido, Kaerchier (2007) assegura que a aula de geografia

que se baseia apenas nestes elementos torna-se uma aula cansativa, pobre e desmotivadora. Ele acredita que estes recursos didáticos são importantes, porém, não se pode ignorar a riqueza metodológica existentes em outras fontes e materiais de cunho pedagógico.

Os próprios PCN, para o segundo ciclo, destacam que o estudo da Geografia deve abordar principalmente as relações entre as cidades e o campo e suas dimensões, sociais, culturais e ambientais. Observar-se que estas dimensões culturais podem ser trabalhadas a partir de obras e documentários próprios de cada região. Mediante estas considerações, cabe ao professor de Geografia inovar as suas metodologias a partir de uma mediação pedagógica baseada na flexibilidade e na criatividade.

Assim, pode-se dizer que a mediação pedagógica é fundamental no processo de conscientização, quanto as novas formas de ensinar e aprender Geografia. Nesta perspectiva, observa-se que os alunos de hoje estão penetradas, desde muito cedo, no mundo da informação e da cultura, o que favorece a implantação de novos métodos de ensino que atendam as demandas das novas gerações de forma eficiente e eficaz.

Acredita-se que um ensino de qualidade deve assegurar a sólida formação de base que propicie o desenvolvimento de habilidades cognitivas; desenvolver processos de formação para a cidadania; assegurar a elevação do nível escolar para todas as crianças e jovens sem exceção; promover a integração entre a cultura escolar e outras culturas; cuidar da formação das qualidades morais, traços de caráter, atitudes, convicções etc. BELLONI, (2001).

Assim, compreende-se que a qualidade da educação e, neste caso específico, do ensino da Geografia, deve ir além de uma forma simplificada e técnica de ensino, mas deve ir ao encontro da realidade social e regional dos educandos, dando espaços para os mesmos desenvolverem suas habilidades pensantes e serem capazes de criticar o mundo a sua volta.

Mediante estas considerações, pode-se pensar em uma “educação de qualidade” a partir da inovação metodológica, independentemente da disciplina que o professor ministre em sala de aula. Dessa forma no capítulo subsequente apresentaremos a literatura como uma possibilidade de enriquecimento das aulas de geografia, mostrando o elo existente entre esses dois campos.

III CAPÍTULO II – GEOGRAFIA E LITERATURA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO REGIONALISMO NORDESTINO

3.1 – Geografia e literatura enquanto possibilidade para o ensino

Pode-se evidenciar que a perspectiva pós-moderna do processo ensino-aprendizagem é caracterizada por elementos como: interdisciplinaridade, multiculturalismo, diversidade metodológica e didática, dentre outras questões. Mediante esta demanda para o ensino da Geografia, deve-se reconhecer que a compreensão sobre determinado conteúdo, requer, acima de tudo, a contextualização dos objetos de conhecimento e suas ligações com a prática humana, como Libâneo ressalta, “O que se agrega aqui, em termos de pensar crítico, é a capacidade de problematizar, ou seja, de aplicar conceitos como forma de apropriação dos objetos de conhecimento a partir de um enfoque totalizante da realidade”. (LIBÂNEO, 2003, p. 37).

Um ensino renovador deve ultrapassar as barreiras do tradicionalismo, e alcançar o aluno na realidade vivida pelo mesmo, para isso é necessário buscar novas fontes, objetivando ampliar e enriquecer as aulas de geografia. A utilização de obras literárias no ensino de geografia se constitui como uma proposta renovadora. Para PONTUSCHKA, (2009) “A interdisciplinaridade, tendo muitas vezes a literatura como foco, cria oportunidades objetivas de trabalho que merecem ser mais bem exploradas na educação...”

Sobre esta questão, Moreira (2007, p. 143) considera que a relação entre geografia, história e letras, além de ser possível, de fato existe, sendo que “o que embasa essa relação é a categoria do espaço [...] Porque não existe tempo fora do espaço, e espaço fora do tempo, uma vez que o real é o espaço-temporal”.

As obras literárias possibilitam um vasto conhecimento ao leitor sendo uma leitura que além de prazerosa, tem maior facilidade em despertar a curiosidade dos alunos, pois trata-se de narrativas, com enredos que muitas vezes possibilitam o leitor o conhecimento do que até então era desconhecido.

Para Pontuschka (2009. p. 237)

A literatura dá prazer. A palavra é importante. Como se tem prazer ao sentir a harmonia de um quadro ou uma música. Há professores que só trabalham essa parte, mas a literatura é muito mais que isso. Por ela, os alunos podem descobrir também toda grandeza existente nos homens, para que saibam que essa grandeza existe neles igualmente.

Através da literatura o aluno poderá de algum modo relacionar as informações contidas no texto literário com o seu mundo real. Zilberman (1994, p. 24) afirma que “através do conto de fadas, da reapropriação de mitos, fábulas e lendas folclóricas ou do relatório de aventuras, o leitor reconhece o contorno dentro do qual está inserido e com o qual compartilha sucessos e dificuldades”.

Assim obras literárias trazem não só ficção, mas grande carga de informações possíveis de serem abordadas nas aulas de geografia. Os autores muitas vezes procuravam através dos romances retratarem épocas vividas pela sociedade, com isso eles apresentam em suas obras o contexto espaço temporal em que essa sociedade estava inserida.

A compreensão do texto literário torna-se possível não só pelo auxílio da teoria literária, a ser trabalhada com os alunos a fim de fornecer-lhes um instrumento, como também pela quantidade e pelo aprofundamento de informações sobre o contexto em que se dá a trama vivida pelas personagens (PONTUSCHKA, 2009, p. 237).

Na literatura, o escritor tenta fazer com que a história se torne o mais verossímil possível. Com o objetivo de fazer com que o leitor se aproxime de uma realidade possível. “[...] No conto o homem passa a revelar experiência, preocupando-se com o fato sucedido e o seu conteúdo real” (CARVALHO, s/d, p. 19). Nesse sentido, a literatura ao apresentar descrições de paisagens, lugares e espaço possibilita uma leitura geográfica da obra, contribuindo de forma significativa para a aprendizagem crítica da geografia.

A literatura retrata de alguma forma a realidade do leitor e trata de assuntos que tem significado para ele despertando no mesmo o prazer de ler. Antunes (2005, p. 17), afirma que: “Na verdade, o prazer de ler se estabelece quando a relação livro/leitor adquire significado para sua vida, atende a seus interesses, [...]”. Compreende-se, com isso, que para despertar no aluno interesse pela leitura é preciso trabalhar com assuntos que têm significado para sua vida. Na literatura é possível encontrar diversos textos que interessa pessoalmente e especificamente o aluno.

Segundo Antunes (2005, p. 31), “[...] a literatura é um dos recursos capazes de levar os indivíduos à reflexão sobre os conflitos sociais e psicológicos do homem, e nada melhor para isso do que introduzir essa literatura já na infância, levando-a para a sala de aula[...]”. Ela contribui para o desenvolvimento da leitura e por isso deve ser inserida dentro das salas de aula.

Considerando que a literatura informa e educa é possível afirmar também que ela comunica e amplia vários aspectos. Pensando assim,

[...] toda obra deve ter algo a nos comunicar, sobretudo a obra infanto-juvenil. É sabido também que a literatura é a maior arma para a crítica, quer de costumes, quer de caracteres etc., podendo compreender vários aspectos: social, político e tantos outros (ANTUNES, 2005, p. 31).

A literatura é fonte de reflexão pessoal e torna o leitor diante do mundo um ser mais crítico. Segundo Held (1980, p. 234) “[...] A literatura fantástica e poética é antes de tudo e indissociavelmente, fonte de maravilhamento e de reflexão pessoal, fontes de espírito crítico, porque toda descoberta de beleza nos torna exigente e, pois, mais críticos diante do mundo”. Com isso percebe-se o quanto o campo da literatura é amplo. A literatura envolve toda atividade humana.

Mediante estes enfoques, trabalhar a Geografia a partir de obras literárias regionais torna-se uma importante estratégia metodológica e didática, no sentido de propiciar ao aluno a compreensão dos aspectos geográficos a partir de um contexto literário, que por sua vez está repleto de detalhes e questões referentes à região, seria uma forma de aproveitar estas riquezas literárias a partir de um enfoque geográfico, abrangendo suas particularidades regionais.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) a Geografia da atualidade é caracterizada pela busca de um trabalho interdisciplinar, a qual tem lançado mão de outras fontes de informação e que a relação da Geografia com a Literatura e com as artes tem sido redescoberta, proporcionando um trabalho que provoca interesse e curiosidade sobre a leitura do espaço e da paisagem.

Sob a ótica de Marandola Jr (2008),

A capacidade de produzir arte faz parte daquilo que torna o homem único. A ciência moderna, no entanto, tratou de dissociar arte de pensamento e, com isso, ciência de arte. A Geografia, enquanto ciência moderna respeitou essa separação, embora em certos momentos tenha se utilizado de descrições artísticas como ilustração para seus trabalhos, em especial as literárias. Nas reestruturações epistemológicas contemporâneas, no entanto, reconduzir a Geografia para seu encontro com a Arte é tanto necessário quanto imprescindível para seu desenvolvimento. Isso não ocorre apenas pela incorporação da arte como documento, mas sobretudo como símbolo e marca de um espaço-tempo cultural (MARANDOLA JR, 2008, p. 01).

Teixeira (2009, p. 02), ao tomar por base os PCNs acredita que “é possível aprender Geografia pela leitura de autores brasileiros consagrados — Machado de Assis, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, entre outros”. A autora salienta que as obras destes autores retratam diferentes paisagens do Brasil, em seus aspectos sociais,

culturais e naturais, acrescentando que a literatura constitui-se um importante meio para o entendimento do espaço geográfico como construção histórica.

É preciso levar em consideração que os professores de Geografia devem, ao utilizar metodologias diferenciadas como as obras literárias, precisam estabelecer critérios e objetivos que possam ir ao encontro das necessidades de aprendizagem dos alunos, devendo, portanto reconhecer previamente as particularidades dos processos sócio-históricos e culturais do estudo regional que se sobressaem nas obras literárias.

Mediante estes aspectos, Teixeira (2009, p. 05) acrescenta que literatura, embora ainda seja pouco utilizada nas análises do espaço geográfico, “tem sido apontada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais como possibilidade interdisciplinar com a Geografia”. Em suma, ela deixa clara a necessidade emergente de se investir em novas formas de regionalismos e a utilização de novas técnicas adequadas à particularidade da região, no sentido de apresentar o meio onde o aluno está inserido de forma prazerosa e motivadora.

3.2 - Algumas obras literárias regionalistas e a geografia

No que tange as finalidades maiores em trabalhar a Geografia a partir de obras literárias regionalistas, Neto e Cavalcanti (2009) desenvolveram uma pesquisa no intuito de evidenciar as relações mais intrínsecas entre Geografia e Letras, no sentido de trabalhar a interdisciplinaridade didática entre estas disciplinas escolares. Os autores propõe um estudo abordando aspectos atuais relevantes à geografia cultural como o espaço a partir da análise do poema *Morte e Vida Severina*, escrito por João Cabral de Melo Neto. Assim,

Morte e vida Severina é um poema dramático e apresenta o percurso do retirante Severino, partindo da morte no sertão para encontrar a vida na cidade do Recife. Tece um rosário em sua viagem, seguindo o curso do rio Capibaribe, desde sua nascente até sua chegada ao mar. Tanto a morte quanto a vida são severinas, dos Severinos quase anônimos do sertão nordestino. Trata-se, também, de como a face da morte se apresenta ao sertanejo. Podemos classificá-la em três formas: matada, morrida e a que se vive em vida. Retrata com tamanha simplicidade a dureza da vida do retirante nordestino que sai em busca de uma vida que não lhe seja tão dura. Com isso, necessário se faz um estudo baseado dentro dos aspectos geográficos e literários direcionados ao personagem, espaço e meio cultural para uma melhor explanação dessas características tão ricamente apresentadas no poema. (NETO e CAVALVANTE, 2009, p. 71)

Ainda a respeito da obra supracitada, Neto e Cavalcante (2009, p. 79) argumentam que “Falar das características espaciais em *Morte e Vida Severina* olvidando-se das temporais

seria um equívoco muito grande, pois, essas especificidades apresentam-se miscigenadas. Esses reflexos são vistos no protagonista Severino”. Em outras palavras, os autores referem-se ao fato de que, embora o autor não sistematize na obra a questão do tempo, evidencia o fenômeno “seca” a qual se constitui um elemento extremamente rico em termos de conteúdo geográfico que pode ser explorado na sala de aula, especificamente na aula de Geografia. Destacam também a importância da linguagem utilizada pelo autor, a qual retrata o regionalismo que determina “o personagem e o espaço expressa os aspectos múltiplos que apreendem a realidade, criando o mais humilde e prosaico cotidiano” (NETO e CAVALCANTE, 2009, p. 80).

A questão do regionalismo é bastante enfática na obra de João Cabral de Melo Neto, abrangendo a identidade regional do nordeste, isto pode ser observado ao longo das narrações, quando, por exemplo, o personagem sai em busca de uma vida mais fácil, mesmo não sabendo o caminho, crê que sua salvação seria o rio Capibaribe. No entanto, ele o encontra seco demonstrando, assim, a dureza da vida do sertanejo. Ao longo do trajeto, ele observa as várias faces da morte, todas decorrentes das intempéries da vida sertaneja.

E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte Severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida) (MELO NETO, 2007, p. 92).

O estudo da Geografia, tomando por base a literatura regional, pode tornar possível a assimilação da identidade local. Teixeira (2009, p. 05) expõe que acreditamos realmente que isto seja possível, “pois a produção literária brasileira é rica em autores que retratam em suas obras diversas paisagens, regiões e aspectos sociais e culturais da sociedade brasileira em diferentes temporalidades”. Para compreender tal posicionamento, pode-se recorrer a suas argumentações quando ressalta que:

Autores como José de Alencar e seu romance indianista, como O Guarani, que está inserido na corrente filosófica do Romantismo baseados nas ideias do pensador iluminista Jean Jacques Rousseau onde o Homem é visto como ser originalmente puro sendo corrompido pela sociedade pode ser utilizado tanto pela Geografia quanto pela História, Sociologia ou Filosofia. Alencar tem outras obras que também podem ser utilizadas pela geografia, o autor não se limitou a escrever romances classificados como indianistas há em sua produção literária, romances regionais e urbanos, como O gaúcho e Senhora respectivamente (TEIXEIRA, 2009, p. 06).

Ao falar sobre interpretação crítica dos assuntos no contexto da Geografia, Teixeira (2009) argumenta que a abordagem literária na Geografia torna-se possível pelo fato de que, geralmente estas obras possuem muitos elementos históricos e que podem ser também trabalhados na Geografia crítica, ele ressalta que:

No romance de Lima Barreto, *O triste fim de Policarpo Quaresma*, podemos identificar uma crítica ao nacionalismo absurdo representado na figura de Policarpo Quaresma, e também ao nacionalismo extremo que pode se tornar perigoso nas mãos de ditadores autoritários, por isso alguns críticos literários acreditam que o livro de Lima Barreto escrito em 1911 é uma profecia sobre os regimes autoritários nazi-fascistas que cresceriam a partir de 1930. (TEIXEIRA, 2009, p. 06).

Através do romance *Clara dos Anjos* é também possível identificar aspectos possíveis de serem trabalhados na Geografia, como é o caso do processo de ocupação do subúrbio observado na obra supracitada:

O subúrbio propriamente dito é uma longa faixa de terra que se alonga, desde o Rocha ou São Francisco Xavier até Sopotemba tendo para eixo a linha férrea da Central. Para os lados, não se aprofunda muito, sobretudo quando se encontra com colinas e montanhas que tenham a sua expansão; mas, assim mesmo, o subúrbio continua invadindo, com as azinhagas e trilhos, charnecas e morrotes. Passa-se por um lugar que supomos deserto, e olhamos, por acaso, o fundo de uma gruta, donde brotam ainda árvores de capoeira, lá damos com um casebre tosco, que para ser alcançado torna-se preciso descer uma ladeirota quase a prumo. [...] Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças por toda parte onde possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes a taipa, o bambu, que não é barato. [...] Mais ou menos é assim o subúrbio, na sua pobreza e no abandono em que os poderes o deixam. [...] O Rio de Janeiro, que tem, na frente na parte anterior, um tão lindo diadema de montanhas e árvores, não consegue fazer-lo coroa e cingi-lo todo em roda. A parte posterior, como se vê não chega a ser um neobarbante que prenda dignamente o diadema que lhe cinge a teta olímpica (BARRETO, 2005, p. 52).

Deve-se levar em consideração pesquisas como a que foi desenvolvida por Araújo¹ (2007) quando investiga a formação da cidade de Salvador a partir da análise em torno das obras *Suor* e *Jubiabá* do escritor baiano Jorge Amado das décadas de 30.

Segundo a autora, o trabalho “Trouxe-se uma dimensão multifacetada do Pelourinho e dos sujeitos que o frequentavam”, apresentando uma reflexão sobre a importância do lugar e

¹ Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências. Universidade Federal da Bahia, 2007.

do modo como ele é percebido pelos moradores, turistas nacionais e estrangeiros e pelos órgãos públicos (ARAÚJO, 2007, p. 13).

A partir desta análise, a autora conclui que é possível trabalhar em sala de aula os aspectos geográficos que se sobressaem nas obras literárias, como é o caso das obras analisadas por Araújo (2007), nas quais, é possível obter uma “visão” panorâmica acerca das transformações sofridas pelo espaço, bem como as formas de ocupação do solo, visto que,

Na segunda metade do século XIX, desencadearam-se mudanças significativas nas formas de sua ocupação e uso do solo. As classes privilegiadas que ali residiam começaram a migrar para outros pontos da cidade, como para o Campo Grande, Vitória e Barra, em busca de espaços mais abertos e arborizados, objetivando construir suas mansões. Local de sonhos, lutas e mistérios, o Pelourinho inspirou Jorge Amado e o cenário de vários de seus romances, a partir da década de 1930, onde o autor utiliza o espaço geográfico como espaço de vivência e relata, através dos seus personagens, as péssimas condições de vida dos seus moradores. (ARAÚJO, 2007, p. 18).

É notável a riqueza de detalhes regionais nas obras de Jorge Amado referentes ao Pelourinho, visto que “No início do século XX, Salvador, assim como muitas outras capitais brasileiras, passa por um processo de modernização, de grandes transformações no seu centro, o que cria necessidade de alargamento das ruas”. Todos estes aspectos estão evidenciados nas obras “Suor e Jubiabá” do referido escritor, como se pode observar através da fala do autor: “Um mundo fétido, sem higiene e sem moral, com ratos, palavrões e gente. Operários, soldados, árabes de fala arrevesada, mascates, ladrões, prostitutas, costureiras, carregadores, gentes de todas as cores, de todos os lugares, com todos os trajes, enchiam o sobrado” (AMADO, 1983, p. 11).

O autor considera a cidade e as relações nela tecidas na produção de seu imaginário e das apropriações dos personagens que nela habitam, fazendo-a múltipla de significados para que ocorram as práticas sociais. Araújo (2007, p. 131) assegura que as experiências e a forma de percepção e interpretação das obras de Jorge Amado, tornam-se peças chaves para o conhecimento da história do Pelourinho e de como as transformações foram ocorrendo ao longo dos tempos, incluindo “às formas de hierarquização e estruturação da paisagem, enquanto mundo vivido, lugar onde se traçam caminhos interiores e exteriores”.

A literatura tem grande importância, no ensino da Geografia, a mesma, “sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente” (ZILBERMAN 1994, p. 22).

A literatura também desperta a imaginação e os sentimentos, tendo em vista que oferece descobertas, novos conhecimentos e acesso ao desconhecido, fixa conhecimentos já adquiridos, transmite novos conhecimentos o aluno, conduz o mesmo a ler e compreender o que lê, o leva à reflexão. A partir dessa discussão trabalharemos no terceiro capítulo o livro O Quinze de Raquel de Queiroz, discutindo alguns aspectos próprios a geografia, com enfoque basal as representações da seca contidas no referida obra literária.

IV CAPÍTULO III - A SECA NO NORDESTE SOB O OLHAR DE RAQUEL DE QUEIROZ NO LIVRO *O QUINZE*

4.1 – Descrição de algumas características da obra de Raquel de Queiroz

A proposta desse capítulo é mostrar como as obras literárias podem ser um rico instrumento para as aulas de geografia. Para tanto procuraremos através do livro *O Quinze* da autora Raquel de Queiroz abordar alguns aspectos inerentes ao conhecimento geográfico, como por exemplo, a seca e suas consequências, dando enfoque também a forma como o homem sertanejo lida com esse fenômeno natural e social que castiga parte da região Nordeste do Brasil.

Raquel de Queiroz nasceu na cidade Fortaleza – CE no ano de 1910, escreveu várias obras, das quais duas se passam no estado do Ceará sendo elas: *O Quinze e João Miguel*. A autora foi a primeira mulher a fazer parte da Academia Brasileira de Letras, Raquel faleceu no ano de 2003 na cidade do Rio de Janeiro. Na obra literária *O Quinze*, realidade e ficção se confundem, pois a mesma se passa em um ambiente onde autora não só conhecia como também partilhava.

O gênero literário em que essa obra se classifica é o narrativo, que se caracteriza por: alguma pessoa, (um narrador) que narra eventos ou histórias ocorridas. Esse gênero também é considerado épico, sendo formado geralmente por romances, crônicas, contos, entre outros. Welck e Warren (2003, p. 306) tecendo considerações sobre o assunto expõem que os gêneros literários “podem ser considerados imperativos, institucionais que coagem e são coagidos pelo escritor”. Com isso compreendemos que os gêneros são acurados a partir daquilo que é escrito esteticamente pelo autor.

Coutinho (2007, p. 66), admite que os gêneros literários podem ser classificados em quatro grupos, sendo eles: literatura narrativa (ficção e epopéia), literatura dramática (tragédia e comédia), literatura lírica e literatura ensaística. Quanto aos gêneros o autor supracitado ainda tece algumas considerações dizendo que: “Um gênero [...] emprestam a certas obras uma fisionomia comum que as agrupam naturalmente” Coutinho (2007, p. 65).

Ainda falando sobre algumas características da obra, se faz necessário entender que cada uma delas está introduzida em um determinado contexto temporal e histórico, dessa forma os autores depositam em seus escritos muito dos fatos e peculiaridades da época em que vivem.

A partir dessa subdivisão do tempo classificam-se as escolas literárias, adiante citaremos cada uma delas, dando enfoque principal para o Modernismo, escola literária em que a obra está inserida.

Coutinho (2007, p. 91-92) admite que as escolas literárias ficam divididas da seguinte forma: Renascimento que vai do século XV ao XVI, Barroco século XVI ao XVII, Neoclassicismo com Iluminismo e o Racionalismo, compreende os séculos XVII e XVIII, já o Romantismo vai do século XVIII ao XIX, em sequência vem o Realismo/Naturalismo que vai do século XIX ao XX, por fim vem o Simbolismo e o Modernismo que compreende os séculos XIX e XX. Cada uma dessas escolas possui peculiaridades e aspectos próprios do seu tempo.

Como já mencionado anteriormente *O Quinze*, trata-se de uma obra modernista, sendo esse um romance da década de 30. Na sua definição sobre o Modernismo o autor supracitado afirma que:

A literatura “moderna”, no Brasil, é o que se denomina o Modernismo, termo que se vai fixando na historiografia literária para designar o período estilístico inaugurado com a “Semana de Arte Moderna” (1922) e vindo até os dias presentes. Modernismo, assim, não é apenas o movimento restrito à semana de 1922, mas abrange toda a época contemporânea.

A palavra “Modernismo” já havia sido usada antes por José Veríssimo, na sua *História da Literatura Brasileira*. Mas o conjunto de idéias por ele assim caracterizado é o que constitui as correntes do positivismo, transformismo, evolucionismo, materialismo da época realista e naturalista. Então a expressão não pegou, ficando Realismo e Naturalismo para designar aquele período, enquanto se passou a usar “Modernismo” em referência à época iniciada pelo movimento de 1922 (COUTINHO, 2007, p. 247-250).

Com isso compreendemos que o Modernismo, período literário que “compreende toda época hodierna”, trouxe novas formas e novas dimensões estéticas que revolucionou o campo literário. Seu ponto de partida foi na Semana de 1922, momento este em que esse movimento deixa de ser apenas um estado de espírito e decola rumo a novas mentalidades no campo literário, dessa forma se estabelece firmando suas raízes.

Diante do exposto entendemos que a literatura moderna chega buscando novas perspectivas nos registros literários, onde através dos escritos se apresenta a realidade que se configurava, nos diferentes momentos que a sociedade vive.

No que compreende as características da obra literária *O Quinze* de Raquel de Queiroz, ainda se faz necessário afirmar que se trata de um romance regionalista, MIGUEL (1973, p. 179) assegura que: “a literatura regionalista estuda as particularidades linguísticas de uma determinada obra, em uma região geográfica específica, decorrente da cultura lá

existente”. Nesse sentido é propício dizer que a obra supracitada retrata a vida dos sertanejos nordestinos diante de uma grande seca, que como o próprio título já diz a seca de 1915.

Como disserta (MOREIRA, 2010, p. 150): “Ora, o romance brasileiro, em particular o regionalista dos anos 1920 aos anos 1950, é tão fundamentalmente uma análise crítico-espacial do real nacional quanto á a melhor literatura das ciências sociais do período. Falam do e como forma nacional de sua história”.

No livro *O Quinze*, podemos ver o dilema do homem do campo no interior da Região Nordeste do Brasil, diante de um fenômeno natural devastador que foi a grande seca. Para FILHO (1965 apud QUEIROZ, 1976. p. 17) “O drama da seca se concentra, a humana estória de alguns se convertendo em estória de todos, o sofrimento e a piedade em sua projeção maior que é a de todos os dias.” Ainda tratando do tema Albuquerque fala:

Em *O Quinze* sua obra de maior repercussão, Raquel fala do drama pessoal e coletivo vivido pelos cearenses com a seca de 1915. Ela aparece como uma fatalidade que desorganiza toda a rotina da sociedade sertaneja, que leva ao dilaceramento das relações tradicionais de produção e de poder, bem como dos códigos sociais e morais (ALBUQUERQUE 2006 p.142).

Na obra literária *O Quinze* a história se passa na sua grande maioria, na região próximo de Quixadá – CE “Todos os anos, nas férias da escola, conceição vinha passar uns meses com a avó [...] no Logradouro, a velha fazenda da família, perto do Quixadá” (QUEIROZ, 1976, p.5), bem como na capital do estado, a cidade de Fortaleza. No livro a temática “seca” é bastante abordada pela autora, que por ser sertaneja provavelmente também vivenciou o drama da falta de água e suas duras consequências. “Com o livro “O Quinze” Raquel de Queiroz explorou o significado da seca na vida do povo nordestino, a autora soube amarrar os efeitos deste fenômeno climático à vida de seus personagens conseguindo desta forma, mostrar ao leitor quão significativo e relevante é este fenômeno”.

Vários personagens fazem parte deste enredo, totalizando 21, a alguns é dado um enfoque maior, como é o caso de “Conceição”, Jovem professora que tinha um pensamento a frente do seu tempo. Morava na capital cearense, mas vinha passar as férias na fazenda da avó na região de Quixadá. “Vicente”, moço que morava na fazenda junto com os pais e vivia para cuidar do gado, durante o período da seca descrito no livro o mesmo sofre muito para conseguir salvar o máximo de réis possível, era apaixonado por Conceição, mas ao longo do enredo os dois são separados pelas diferenças intelectuais. “Dona Inácia”, avó de conceição que vivia na fazenda, a mesma demonstra ter um grande apego ao lugar, e sofre muito quando se vê obrigada a deixar suas raízes devido à devastadora seca. “Chico Bento Cordulina e seus

filhos” família de retirantes que devido a falta d’água ficam sem condições de sobrevivência naquela região, sendo obrigados a migrarem para outro lugar. Ao longo desse percurso passam fome, sede e vêem a morte de um de seus filhos, no final da lida o casal encontra-se com Conceição que prontamente os ajuda.

4.2 – A representação da seca no livro *O Quinze*: uma proposta didática

O Semiárido nordestino é marcado por esse fenômeno natural, “a seca”, que com seus efeitos nocivos, ao longo dos anos tem provocado grande devastação na região. A temática seca está presente em vários livros didáticos, fazendo parte dos muitos conteúdos inerentes à disciplina de Geografia. Trabalhar esse assunto em sala de aula utilizando como contribuição uma obra literária trata-se de uma busca de inovação, com intuito de que através da literatura, o aluno venha conhecer melhor o contexto em que está inserido, as características naturais de sua região e o modo como a sociedade vem ao longo dos anos lidando com asconseqüências deste fenômeno.

Para entendermos melhor essa temática, apresentaremos inicialmente o posicionamento de alguns autores sobre essa questão, bem como um recorte espacial das áreas mais afetadas pela escassez de chuvas no semiárido. Posteriormente mostraremos a seca à luz de Raquel de Queiroz no livro *O Quinze*.

A seca passou a ser considerada um problema para o Brasil a partir de 1877. Nesse ano houve uma grande estiagem que se estendeu até 1879, esse fenômeno teve uma grande repercussão nacional e atingiu os proprietários de terra, a partir daí a seca tornou-se um problema nacional.

Para Silva (2008, p.19):

As secas são características tanto pela ausência e escassez quanto pela alta variabilidade espacial e temporal das chuvas. Não é rara na história da região a sucessão de anos seguidos de seca. No entanto, a limitação hídrica ocorre anualmente devido ao longo período seco que leva a desperenização dos rios e riachos endógenos.

Ainda tecendo considerações sobre a irregularidade climática da região A’B Sáber ressalta que:

Na sequência dos anos acontecem alguns dentre eles em que as chuvas se atrasam ou mesmo não chegam, criando os mais diferentes tipos de impactos para a economia e as comunidades viventes nos sertões. Nesse sentido, a

literatura de ensaios e de ficção – elaborada por alguns dos mais sensíveis intelectuais de nossa terra- vem apresentando aos olhos da nação brasileira o diabólico drama social que impera nos sertões secos do nordeste (A’B SÁBER, 2003, p. 91- 92).

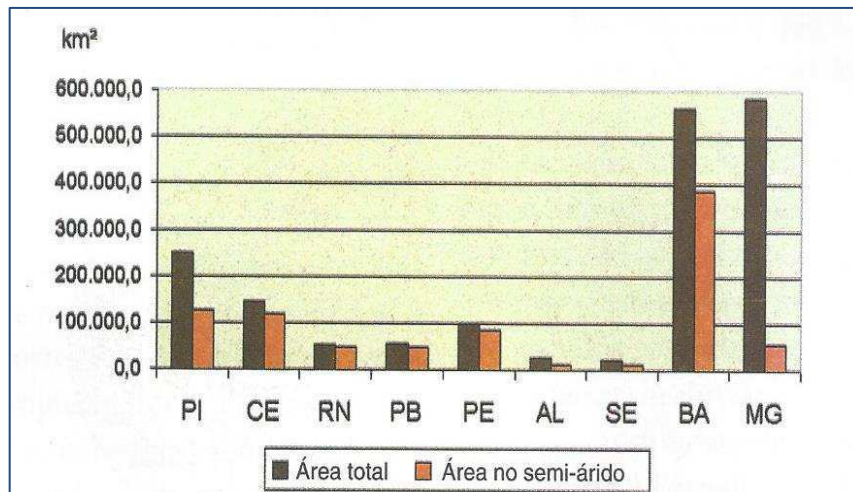
Associado a isso (LINS e ALBUQUERQUE, 2001, p. 21)

Do ponto de vista climático, a região semi-árida se caracteriza por forte insolação, baixa nebulosidade, elevadas taxas de evaporação, temperaturas constantes e relativamente altas e pelo regime de chuvas marcado pela escassez, irregularidade e concentração das precipitações num curto período de aproximadamente três meses.

Compreendemos dessa forma que a região do semiárido possui características climáticas próprias de uma região marcada pela irregularidade das chuvas. Trata-se também de uma área de forte insolação, onde, quando a escassez de chuva é muito demorada, ocorrem às secas, uma realidade que faz parte do cotidiano do homem sertanejo.

O gráfico adiante apresentado nos mostra a área total dos estados atingidos pela seca, como também a área inserida no semiárido.

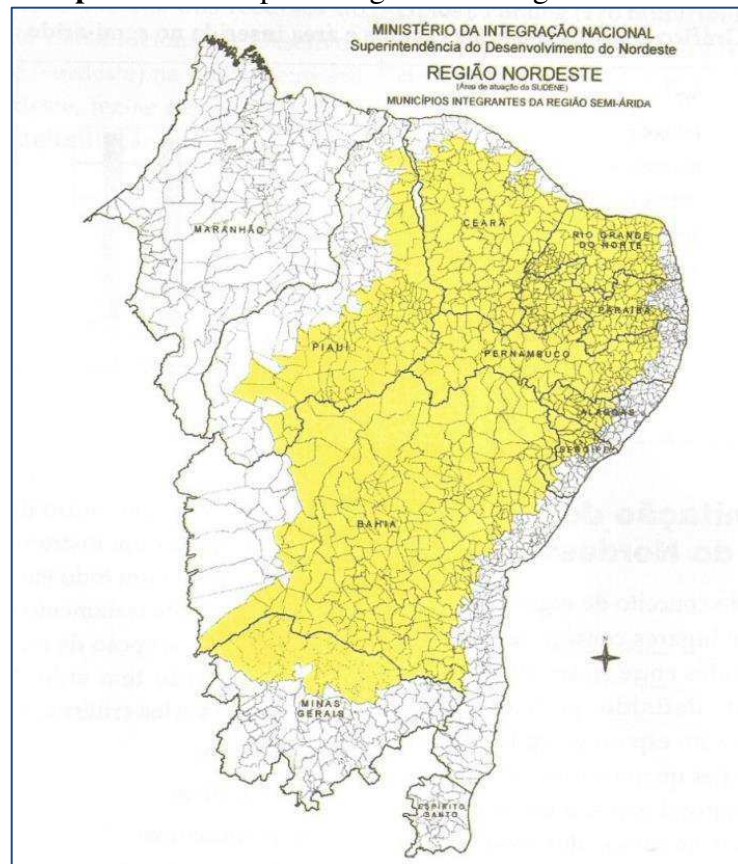
Gráfico 01- Área total dos estados e área inserida no semiárido



Fonte - LINS & ALBUQUERQUE, 2001.

A partir da observação do gráfico 1, se faz necessário ressaltar que oito dos nove estados da região Nordeste estão inseridos no semiárido. Dando enfoque ao Ceará, por ser o ambiente onde ocorre o enredo do livro *O Quinze* podemos destacar que, a maior parte desse estado está introduzida nesse contexto. O mapa adiante mostra com mais clareza a área abrangida pela mancha semiárida.

Mapa 01- Municípios integrantes da região semiárida.



Fonte: LINS & ALBUQUERQUE, 2001.

A existência de uma mancha semiárida em um continente com características tropicais, altas temperaturas e umidade elevada, tem razões relativamente complexas, estando relacionada ao relevo, ao Planalto da Borborema, a dinâmica atmosférica regional e a influência do oceano (CONTI e FURLAN, 2008). O clima semiárido da região é caracterizado pelos baixos índices pluviométricos. As chuvas são escassas, irregulares e concentradas em poucos meses do ano, ou seja, são mal distribuídas ao longo do tempo e do espaço. Dessa forma considerando a escassez das precipitações e as altas temperaturas, o déficit hídrico na região é severo

A seca e seus efeitos são bastante retratados no livro *O Quinze*. A autora Raquel de Queiroz conta a miúdo o dilema das famílias sertanejas que enfrentam a escassez de água e vivem situações de extrema calamidade decorrentes dessa irregularidade climática, onde muitos diante dessas circunstâncias se vêem obrigados a deixar o local onde mora em busca de melhor sobrevivência.

A falta de chuva por um longo período de tempo provoca inúmeros impactos, que interferem grandemente na vida dos nordestinos afetados por esse fenômeno, entre eles está à perda da vegetação, que por falta de água seca, ficando sem vida. Essa situação é mostrada na

sua íntegra na obra literária *O Quinze*, em alguns trechos do livro a autora nos mostra como se encontrava a paisagem nesse período de escassez.

Novamente a cavalo no pedrês, Vicente marchava através da estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta. Os cascos do animal pareciam tirar fogo nos seixos do caminho. Lagartixas davam carreiras intermitentes por cima das folhas secas do chão que estalavam como papel queimado

O céu, transparente que doía, vibrava, tremendo feito uma gaze repuxada Vicente sentia por toda parte uma impressão ressequida de calor e aspereza. Verde, na monotonia cinzenta da paisagem, só algum juazeiro ainda escapo à devastação da rama; mas em geral as pobres árvores apareciam lamentáveis, mostrando os cotos dos galhos como membros amputados e as cascas toda raspada em grandes zonas brancas.

E o chão que em outro tempo a sombra cobria, era uma confusão desolada de galhos secos, cuja agressividade ainda mais se acentuava pelos espinhos(QUEIROZ, 1976, p. 7-8).

A vegetação da caatinga abrange diversos tipos de agregações vegetais, originando assim a mata seca. Sobre isso Conti(2008)afirma que:

A caatinga propriamente dita é uma mata seca que perde suas folhas durante a estação seca. Apenas o juazeiro, que possui raízes muito profundas para capturar água no subsolo, e algumas palmeiras não perdem as folhas. As plantas da caatinga estão adaptadas às condições climáticas e possuem várias adaptações fisiológicas para sobreviver à seca (CONTI, 2008, p. 176).

A vegetação ressequida do semiárido no período das secas provocava não só uma devastação na vida dos sertanejos que dependiam das chuvas para escaparem, como também uma desesperança, na referida obra literária podemos ver que Chico Bento lamenta da sorte com Deus, como se estivesse atribuindo à Ele a causa da sua desgraça “__ Ô sorte, meu Deus ! Comer cinza até cair morto de fome!”(QUEIROZ, 1976, p.13).

Como podemos notar nos relatos da narrativa, no imaginário conhecido dos sertanejos o fenômeno da seca é uma “lei da natureza” ditada por Deus e que o único recurso para mitigar os seus efeitos é pedir inverno, cheios de esperança de ver a chuva cair no chão, devolvendo a vida e a alegria do sertão.

Ainda sobre isso Ab’Saber (2003, p.95).afirma que: “Para o cotidiano do sertanejo e sobrevivência de sua família o fator interferente mais grave reside nas irregularidades climáticas periódicas que assolam o espaço social dos sertões secos.

Como discorre Ab’ Saber a irregularidade climática dos sertões torna mais difícil a vida dos sertanejos. No contexto do livro *O Quinze* a sociedade, na sua grande maioria

dependia de recursos, como a agricultura e pecuária, para sua sobrevivência e quando se deparavam com uma seca, muitos não tinham alternativas a não ser abandonar suas terras e seu lar para não secar e morrer juntamente com as folhas da caatinga (vegetação nativa).

Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só resta arribar. Sem legumes, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse (QUEIROZ, 1976, p. 18). Os efeitos danosos dos extensos períodos de seca correspondem a um dos grandes fatores que desencadeiam as migrações nordestinas, pois, mesmo amoldados “com a rusticidade permanente do clima, os trabalhadores das caatingas não podem conviver com a miséria, o desemprego aviltante, a ronda da fome e o drama familiar criados pelas secas prolongadas” (A’B SÁBER, 2003, p.95). Com isso na tentativa de buscar uma vida melhor longe da aspereza da seca, muitos sertanejos migram para outras regiões.

A outros que ficavam para enfrentar a dura situação restava apenas o desejo de fugir, porém o apego a sua terra natal, seu “pedaço de torrão no mundo” era mais forte, e isso lhes dava força para continuarem lutando.

Teve um súbito desejo de emigrar, de fugir, de viver numa terra melhor, onde a vida fosse mais fácil e os desejos não custassem sangue.
[...] e pensou no seu isolamento na terra longínqua, no vácuo doloroso de afeição em que se iria debater o seu coração exilado. (QUEIROZ, 1976, p. 32)

Em diversos trechos do livro, Queiroz relata a extrema fome que a seca provocou, a devastação era tamanha que além dos animais muitas pessoas também morriam pela falta do que comer.

Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo do sujo saco vazio, na descarnada nudez das latas raspadas.
— Mãezinha, cadê a janta?
— Cala a boca, menino! Já vem!
— Vem lá o que!...
[...] Angustiado, Chico Bento apalpava os bolsos... nem um triste vintém azinhavrado...
[...] Só talvez um milagre iam agüentando tanta fome, tanta sede, tanto sol
[...] Vicente contava agora a história de uma mulher conhecida que endoicera, quando viu os filhos morrendo à falta de comida (QUEIROZ, 1976, p. 33- 45- 51- 55).

A representação da fome descrito no livro nos remete a uma extrema calamidade, uma situação de crise social, onde a falta de água, comida e condições mínimas de sobrevivência, transformam os sertanejos em pessoas sem nenhuma perspectiva.

No Quinze a miséria causada pela seca estava refletida nos corpos descarnados, na boca seca, nos pés rachados daqueles que outrora foram felizes naquela terra. A luta para salvar os bens parecia vã, nada melhorava, pelo contrário só se instaurava um caos ainda maior.

Em vão, mal amanhecia, iniciava-se a labuta sem descanso, e atravessava o dia todo no duro vaivém do serviço sem trégua, cavando aqui uma cacimba, consumindo partidas de caroço de algodão, levantando com suas próprias mãos, que o labor corajoso endurecera, as reses caídas de fraqueza e sede. Parecia entretanto, que o sol trazia dissolvido na sua luz algum veneno misterioso que vencida os cuidados mais pacientes, ressequia a frescura das irrigações, esterilizava o poder nutritivo do caroço, com tanto custo obtido [...] Morria tudo (QUEIROZ, 1976, p.87).

Nesse trecho podemos ver o desespero de quem não via resultados satisfatórios no grande esforço que fazia, a desesperança em ver a seca consumindo tudo, sem dó nem piedade, levando consigo as últimas migalhas que ainda restavam.

O livro O Quinze é o retrato da sede, da fome e da miséria vivida pelos nordestinos durante as secas. Em sua obra Queiroz conseguiu mostrar com clareza e riqueza de detalhes a situação da sociedade daquela época, expondo em suas páginas toda a problemática referente a esse momento.

O elemento geográfico de maior importância presente em O Quinze é a seca, utilizar esse livro como aporte teórico na discussão dessa temática em sala vem a enriquecer as aulas de geografia tendo em vista que Raquel de Queiroz conseguiu mostrar através de sua obra o retrato da população assolada por um fenômeno natural (a seca) que provocou um caos social, a autora criou um cenário propício ao momento em vivia.

Portanto cabe ao professor criar e planejar situações para otimizar o processo de ensino-aprendizagem, o mesmo deve, como forma de interagir com o meio em que o discente está inserido relacionar a obra ao dia-a-dia do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto pós-moderno, a Geografia vive um momento de intensa renovação e a educação precisa acompanhar o ritmo das transformações que a sociedade vive, pois o ensino não deve ser desconexo do mundo em que o aluno está inserido. Com isso compreendemos que a complexidade do ambiente educativo cria a necessidade nos professores de cada dia mais estarem refletindo sobre novas possibilidades para o ensino, e esta reflexão é fundamental para que o processo educativo venha obter êxito.

Entendemos com isso que, no intuito de auxiliar nesse desafio o docente conta atualmente com uma diversidade de recursos que podem servir como suporte metodológico no processo de ensino-aprendizado, e as obras literárias entram nesse contexto como uma rica possibilidade para a Geografia. Diante disso podemos ver que a literatura tem grande importância, no ensino da Geografia, e que é possível trabalhar em sala de aula os aspectos geográficos que se sobressaem nas obras literárias.

Dessa forma concluímos que: trabalhar a Geografia a partir das obras literárias regionais vem apresentar-se como uma inovadora e importante tática metodológica e didática, no intuito de proporcionar ao aluno a captação dos aspectos geográficos a partir de um contexto literário.

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. Caatingas: O domínio dos sertões secos. In: _____. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 83-100.
- ALBUQUERQUE, Júnior, Durval Muniz de. Espaços da sociedade. In: _____. **A invenção do nordeste e outrora artes**. 3º ed. Recife: fjn. Massagana: São Paulo: Cortez, 2006. p. 65-182.
- AMADO, Jorge. **Suor**. 41. ed. Rio de Janeiro: Record, 1983. 164 p.
- ANTUNES, W. **Lendo e formando leitores: orientações para o trabalho com a literatura infantil: Circuito Campeão**. São Paulo, Global, 2005.
- ARAÚJO, Heloisa Araújo de. **Geografia e literatura: um elo entre o presente e o passado no Pelourinho**. Salvador, 2007. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2011/geografia/disserta_literatura.pdf>. Acesso em 07 de abr. 2014.
- BARRETO, LIMA. **Clara dos Anjos**. Clássicos Scipione. 2 ed. São Paulo: Scipione. 2005.
- BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação?** – Campinas, SP: Autores associados, 2001.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CORRÊA, Roberto Lobato, CASTRO, Iná Elias. GOMES, Paulo Cesar da Costa.. Espaço um conceito chave da geografia, In: **Geografia Conceitos e Temas**, 10ª ed., Rio de Janeiro. Editora: Bertrand Brasil, 2007. p.15 – 48.
- CONTI, José Bueno; FURLAN, Sueli Angelo. Geoecologia: o clima, os solos e a biota. In: ROSS, Jurandy L. Sanches (org.). **Geografia do Brasil**. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil – 19ª Ed.** – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA. Secretaria de Educação e Cultura, Inserção da disciplina no ensino fundamental e seus objetivos. In: **Referências Curriculares no Ensino Fundamental**. Ciências Humanas, Ensino Religioso e Diversidade Socio-cultural. Governo do Estado da Paraíba, Secretaria de Educação e Cultura. Gerência Executiva da Educação Infantil e Ensino Fundamental. São Paulo, SEC/Grafset, 2010.
- HELD, J. **O Imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**: Trad.
- KAERCHER, Nestor André. **Quando a Geografia crítica é um pastel de ventoe nós, seus professores, midas**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2007

LIBÂNIO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente.** – 7 ed. – Cortez, 2003.

MARANDOLA JR, Eduardo. **Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento.** In Anais do Primeiro Congresso de História do Pensamento Geográfico. Universidade Federal de Uberlândia, 28 a 30 de Abril de 2008.

MIGUEL- PEREIRA, Lúcia. **História da literatura brasileira: prosa e ficção-1870-1920.**3.ed. Rio de Janeiro: 1973.

MORERA, Ruy. Ontologia. In: **Pensar e ser em Geografia** 2ª reimpressão- São Paulo: Contexto, 2010. p. 131-182.

NETO, José Elias Pinheiro. CAVALCANTE, Maria Imaculada. **O Espaço e as Morte em Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto.** Linguagem – Estudos e Pesquisas, Catalão, vol. 13 – 2009. Disponível em: <<http://revistas.ufg.br/index.php/lep/article/viewFile/11920/7850>>. Acesso em 05 de abr. 2014.

NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e trabalho pedagógico.** Educa. Lisboa, 2002.

PONTUSCHKA, NídiaNaeib. **Para ensinar e aprender Geografia.** São Paulo: Cortez, 2007

PONTUSCHKA, NidiaNacib; PAGANELLI ,TomokoIyda; CACETE, NúriaAnglei. Textos escritos. In:_____. **Para Ensinar e Aprender Geografia.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 217- 258.

QUEIROZ, Rachel de. O Quinze. 21ª ed. São Paulo. Livraria José Olimpo Editora (Coleção Sagrana, Vol.18) 1977.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** – 4ª Ed. 2ª reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2006 – (coleção Milton Santos:1). _____ . **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção.** – 3ª Ed. – São Paulo: Hucitec, 1999.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre o combate à seca e a convivência com o semi-árido:** transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. – Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2008.

TEIXEIRA, Ana Lucia. **Novas Linguagens no Ensino de Geografia. 10º Encontro Regional de Prática de Ensino em Geografia.** Setembro de2009, Porto Alegre. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT1/tc1%20\(46\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT1/tc1%20(46).pdf)>. Acesso em 02 de abr. 2014.

VESENTINI, José Willian. **O ensino de geografia no Brasil XXI.** – Campinas, SP: Papirus, 2004. – (Coleção Papirus Educação).

WELLEK, René. WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários.** Tradução Luís Carlos Borges; revisão da tradução Silvana Vieira; revisão técnica Valter Lellis Siqueira. – São Paulo: Martins Fontes, 2003 – (coleção leitura e crítica).

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 8^a ed., 1994.